

Artigos

O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 - 2018

Labour Market for Tourism Graduates: comparisons between 2012 – 2018 data

El mercado laboral para egresado de programas superiores de Turismo: comparaciones entre datos de 2012 y 2018

Carlos Eduardo Silveira¹; Juliana Medaglia¹; Marcia Shizue Massukado Nakatani¹

¹Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Palavras-chave:

Turismo;
Formação Superior;
Egressos;
Mercado de Trabalho.

Resumo

Ainda que haja muito debate acerca da formação em turismo, incluindo grupos de trabalho em muitos eventos, há, do outro lado, pouca informação acerca da empregabilidade dos egressos desses cursos. Houve ao longo do tempo um distanciamento notório entre os interesses dos formadores e dos contratantes, sendo os primeiros mais voltados à construção acadêmica e humanística dos graduandos e os últimos com foco em profissionais com habilidades adquiridas de forma adequada durante seu período de formação. A partir da comparação entre os dados da atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018, o presente artigo discute o mercado de trabalho de egressos de cursos superiores no Brasil, no que diz respeito às principais atividades, setores de atuação e remuneração. Baseia-se em dados primários e secundários, com caráter descritivo e enfoque qualitativo na interpretação dos dados. Entre os principais resultados destacam-se que o mercado de trabalho em turismo não é tão diversificado quanto se pensa e se ensina nos cursos de turismo já que se percebe concentração de turismólogos em uma única ou poucas áreas de atuação; uma percepção da melhora discreta na remuneração e aumento da participação de docentes no mercado e o aumento de respondentes ligados ao setor público.

Abstract

Keywords:

Tourism;
Higher Education;
Labour Market .

There has been plentiful debate about tourism education, including a number of work groups in many events. However, there is, on the other hand, little information about the employability of these courses' graduates. Over time there has been an increasing gap between the interests of trainers and human resources hiring sectors, the former being more concerned with the academic and humanistic building of the undergraduates and the latter focusing on the need for professionals with proper skills acquired during their undergrad period. Focusing on the comparison between the 'Professional performance of the graduates of higher education courses in tourism' research in 2012 and 2018, this article discusses the labour market of graduates of higher education in Brazil, in terms of the main activities, sectors of activity and remuneration. It has been based on primary and secondary data, with a more descriptive character and a qualitative approach in the interpretation of the data. Among the main results it is possible to highlight that the tourism sector is not as diverse as taught in the higher education courses, due to the finding that most of the jobs are concentrated in

on or few positions. Also, the perception of a discrete improvement in the remuneration, the rise of the participation of professors in the market and the growth of respondents linked to the public sector are among the main findings.

Resumen

Mucho debate acerca de la formación en turismo há ocurrido, incluyendo grupos de trabajo en muchos eventos. Por el otro lado, hay poca información acerca de la empleabilidad de los egresados de estos cursos. A lo largo del tiempo se han alejado notoriamente los intereses de los formadores y de los contratadores, con los primeros más orientados a la construcción académica y humanística de los graduandos y los últimos con foco en profesionales con habilidades adquiridas de forma adecuada durante su período de formación. Desde la comparación entre los datos de la actuación profesional de los egresados de cursos superiores en turismo em 2012 y 2018, el presente artículo discute el mercado de trabajo de egresados de cursos superiores en Brasil, en lo que se refiere a las actividades principales, sectores de actuación y remuneración. Se basa en datos primarios y secundarios, con carácter más descriptivo y con enfoque cualitativo en la interpretación de los datos. Entre los principales resultados se destacan que el mercado laboral en turismo no es tan diversificado cuanto se piensa e se enseña en los cursos de turismo una vez que se percibe una concentración de turismólogos en una única o pocas áreas de actividad; la percepción de la mejora discreta en la remuneración, aumento de la participación de docentes en el mercado y el mayor cantidad de respondientes ligados al sector público.

Palabras clave:

Turismo;
Formación Superior;
Egresados, Mercado Laboral.

Revisado por pares.
Recebido em: 13/07/2019.
Aprovado em: 14/08/2019.



Como citar: Silveira, C. E.; Medaglia, J. N.; Nakatani, M. S.M. (2020). O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 - 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, 14 (2), p. 83-94, maio/ago. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i2.1779>

1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho para Bacharéis em Turismo pode ser considerado diversificado a partir do entendimento de que envolve múltiplos empreendimentos ligados, por exemplo, à hospedagem, à alimentação, aos transportes, ao lazer e ao entretenimento, o que gera efeitos diretos na formação dos profissionais desta área.

A formação em turismo no Brasil experimentou uma ascensão vertiginosa na oferta de cursos superiores e em número de alunos, em especial no início deste século, seguida, contudo, mais recentemente, por uma queda muito marcada nessa demanda (Medaglia, Silveira, & Gandara, 2012; Santos, Costa, & Malerba, 2015; Sogayar & Rejowski, 2011). Essas informações vêm sendo debatidas e investigadas por acadêmicos da área e, o resultado induz a um repensar da formação (Cunha Aranha & Daniela Chaves Rocha, 2014; Paula, Carvalho, & Pimentel, 2018). A despeito da gama considerável de pesquisas sobre a formação superior em turismo, bem como da existência de grupos de trabalho em eventos da área que discutem o tema, pouco se produz ou se discute sobre um fenômeno diretamente relacionado à formação e Bacharéis em Turismo: o mercado de trabalho e a empregabilidade no turismo. Entende-se que a empregabilidade, em seu sentido mais amplo, pode estabelecer conexões mais próximas entre educação e trabalho, uma vez que a exigência de conhecimentos para além da formação é desenvolvida na prática.

No entanto, há algum tempo se percebe um alijamento entre os interesses dos contratantes e a lógica dos formadores (Barretto, Tamanini, & Silva, 2004; S. R. Leal, 2010; Medaglia *et al.*, 2012; Sogayar & Rejowski, 2011). Os primeiros preocupados em munir-se de mão-de-obra especializada e atualizada, e os últimos, em formar egressos cômicos de seu papel como cidadãos e detentores de conhecimentos (teoricamente) profundos sobre temas estruturais. O que se percebe, então, é uma lacuna de diálogo, gerando ruídos que diminuem a integração entre mercado e formação. É a partir desse quadro que surge o interesse que move o projeto 'guarda-chuva', no qual se origina esta pesquisa, bem como a criação do grupo de pesquisa que analisa esses dados e fomenta as investigações sobre o tema.

Este trabalho tem como objetivo, discutir o mercado de trabalho dos turismólogos no Brasil, analisando os resultados de duas edições da pesquisa Atuação Profissional de Egressos de Cursos Superiores em Turismo, 2012 e 2018 (Silveira & Medaglia, 2012; Silveira, Medaglia, & Massukado-Nakatani, 2018), em específico, as questões relativas à principal área de atuação do turismólogo, à remuneração e à inserção profissional nos setores público e privado. Para a finalidade específica desta pesquisa, considerou-se como turismólogo

o egresso de curso superior de Turismo, nas modalidades que compõem graduações em turismo no Brasil, i.e., bacharelados e tecnólogos.

As comparações realizadas entre os dois momentos distintos propiciam *insights* importantes para compreender a relação entre empregabilidade, formação e mercado de trabalho e para a discussão da atuação profissional de egressos de cursos superiores. Outras pesquisas sobre empregabilidade já nos apresentaram a importância do que Pimentel e Paula (2014) chamam de uma autodiagnose, porém mais ampla e abrangente, onde caibam questionamentos não somente da atuação profissional, mas também da profissão em si.

Este artigo inicia com uma discussão sucinta acerca das bases histórico-políticas dos cursos de turismo no Brasil. Em seguida, apresenta as pesquisas analisadas com uma breve explanação sobre origens e características, contextualizando a amostra. A quarta parte traz os dados das pesquisas e os resultados, comparando, sempre que necessário, à realidade de outra área ou mais abrangente. Finalizamos com os principais resultados discutidos, apresentando também as limitações da pesquisa e as possibilidades de encaminhamentos futuros.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DOS DADOS E DO CONTEXTO PROFISSIONAL: A QUEM PODE INTERESSAR?

A formação em turismo foi, de um lado, resultado da evolução do mercado profissional que fomentava novas atividades ligadas aos serviços, e de outro, da liberação de novos cursos em dois momentos distintos da história recente do Brasil: na sua origem (nos anos 1970) e na sua expansão (nos anos 1990). Os primeiros currículos traziam para o ensino superior características de atividades técnicas ou operacionais (Ansarah, 2002; Matias, 2002) que reunidas subsidiavam uma carga horária suficiente para um 'terceiro grau', e que estavam relacionadas a atividades observadas na prática como sendo função de bacharéis em turismo. A expansão nos anos 1990 veio acompanhada e orientada especialmente pela área de gestão, já que nessa época os especialistas que avaliavam os cursos de turismo eram oriundos da área de administração, e os conselhos regionais de Administração acolhiam e credenciavam os bacharéis em turismo (Matias, 2002). Com o crescimento da oferta de cursos superiores em turismo e de outras ações acadêmicas, políticas e associativas, como por exemplo o estabelecimento da diretriz curricular nacional para cursos de turismo em 2006 e, a criação de entidades representativas, os cursos de turismo foram se afastando da administração e ganhando uma característica mais própria dentro da academia no Brasil.

Essa busca de característica própria, entretanto, não se converteu em atividades profissionais consolidadas ou exclusivas decorrentes parcial ou totalmente da formação em turismo, como ocorreu com cursos como design, fonoaudiologia ou até mesmo arquitetura em tempos anteriores. Ao contrário, Barretto *et al* (2004) discutem que a amplitude do campo que abrange as diversas atividades profissionais relativas à área de turismo, dificulta a percepção ou a consolidação do que seja a profissão resultante da formação em turismo, o que também gera reflexos na dificuldade de definição de competências necessárias aos turismólogos (Paula *et al.*, 2018).

Na tentativa de definição da atuação do turismólogo no mercado de trabalho, e por conseguinte das pretensas competências para seu trabalho, começou-se antes do final dos anos 1990 o estabelecimento de grandes áreas em que os turismólogos atuariam (Ansarah, 2002; Barretto *et al.*, 2004; Matias, 2005 entre outros). Com algumas variações as áreas eram basicamente: Agenciamento, Transportes, Hotelaria, Alimentos e Bebidas, Eventos, Lazer e Recreação, Ecoturismo e Meio Ambiente, Planejamento Turístico e Políticas Públicas. Com o tempo é visto o aumento na oferta de cursos de turismo, a essas áreas foi acrescida a docência, que passou a ser uma das principais atividades profissionais de graduados em turismo e, especialmente, pós-graduados (Medaglia *et al.*, 2012). Essas áreas serviram de base para os levantamentos de dados que originaram este artigo, salvo algumas adaptações, pois entendíamos que algumas das áreas mais valorizadas nas graduações poderiam não ter projeção no mercado de trabalho, seja em quantidade de egressos atuando, seja na sua remuneração.

Houve nesse período uma tentativa de valorização da formação do turismólogo e da profissão que, politicamente, foi direcionada à regulamentação da profissão em um mercado que vinha sendo desregulado

pelo modelo neoliberal dos anos 1990, na contramão da necessidade de enxergar o que Baum (2018) ressalta da importância de enxergar a sociedade em que se insere o turismo e sua necessidade de mão-de-obra. Essa conformação do mercado de trabalho decorrente de uma visão da academia e as indagações sobre a expansão e retração da oferta de cursos de turismo e, mais recentemente, do declínio na procura pela formação superior em turismo, foi o contexto para realizar os levantamentos de dados para subsidiar as discussões sobre o mercado de trabalho dos egressos de cursos de turismo.

3 ACERCA DA PESQUISA REALIZADA: CARACTERÍSTICAS E DADOS

Como o intuito da pesquisa inclui discutir sobre a atuação dos egressos em turismo, permitindo termos descritivos dessa população, adotamos o *survey* descritivo (Babbie, 1999) como procedimento de coleta de dados. Os levantamentos foram realizados nos anos de 2012 e 2018, em forma de *Web Survey*, utilizando-se o *Google Drive*® como ferramenta. Na edição de 2012 os formulários foram disponibilizados on-line por aproximadamente 1 mês, de 26 de março a 30 de abril, e, em 2018 por 3 meses, de 29 de Maio a 28 de Agosto. Com ambos os dados, o desenho de *survey* pode se caracterizar como longitudinal do tipo estudo de tendências, em que a população foi analisada e amostrada em diferentes tempos (Babbie, 1999).

A unidade de análise e de observação foram os bacharéis e tecnólogos em turismo formados em Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras. Metodologicamente, como o universo de egressos dos cursos de turismo no Brasil desde a criação até os dias atuais pode ser estimado, mas não é completamente conhecido, considerou-se como sendo um universo infinito. Em ambas as edições a amostragem foi não-probabilística por adesão e o tamanho da amostra foi obtido por exaustão. Houve divulgação por meio de listas de discussão, redes sociais (especialmente o Facebook), associações profissionais (na primeira edição) e outras redes de contato. Nos dois casos, houve respondentes de todas as Unidades da Federação o que propicia um panorama amplo de informações sobre os egressos, apesar da concentração dos respondentes nas regiões Sudeste e Sul do Brasil; fato este que pode ser explicado pela quantidade de cursos existentes nessas regiões, segundo dados do e-MEC¹ 39% na Região Sudeste e 16% na Região Sul (Ministério da Educação, 2018). Em 2018 foram 1360 respondentes dos quais 1341 (98,6% do total) foram considerados formulários válidos. Já na edição de 2012 foram 1380 respondentes com 1351 respostas válidas. Uma vez que as amostras são próximas, mas não idênticas optou-se por comparar os resultados convertendo-os em percentuais.

Para discutir o mercado de trabalho do turismólogos no Brasil, a partir da principal área de atuação, da remuneração e da inserção profissional nos setores público e privado foram utilizados os seguintes recortes.

Para a compreensão da *ÁREA DE ATUAÇÃO E DA INSERÇÃO PROFISSIONAL*, foi utilizada a pergunta “Qual a sua principal área de atuação?”, com as opções de resposta divididas em: agências e operadoras, alimentos e bebidas, consultoria, docência, eventos, hospedagem, lazer e recreação, órgãos oficiais de turismo, pesquisa, planejamento turístico e transportes. Foram também incluídas como opções de resposta outras áreas sem ligação com o turismo, como órgãos oficiais (públicos) de áreas afins, e a opções de ‘não estar trabalhando’ e ‘não responder’. A especificação das respostas foi proposital, a fim de oportunizar a manifestação de qual a atividade principal desempenhada pelo egresso e assim, verificar se algumas das áreas que constam como sendo integradas (como consultoria, planejamento e políticas públicas, por exemplo) possuem características particulares. Além disso, tencionou-se avaliar se algumas das áreas que costumam ser vinculadas com o turismo fazem parte considerável do mercado de trabalho dos egressos desses cursos (como por exemplo ‘transportes’ ou ‘lazer e recreação’).

Para a *REMUNERAÇÃO* informada nos questionários, em primeiro lugar optou-se por não chamar de ‘salário’ pois em muitas situações haviam composições de renda e *pró-labore* no caso de autônomos e terceirizados. Os valores iniciais de 2012 partiam de “até R\$ 500,00” para “acima de R\$ 10.000,00”, incluindo mais 15 faixas intermediárias. Em 2018 esses valores deixaram de ser redondos e para permitirem comparação passaram para “até R\$ 708,00” e “acima de R\$ 14.161,00” com base na correção monetária do Banco

¹ Segundo o Ministério da Educação “o e-MEC foi criado para fazer a tramitação eletrônica dos processos de regulamentação. Pela internet, as instituições de educação superior fazem o credenciamento e o recredenciamento, buscam autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos”. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/e-mec-sp-257584288>, acesso em 19/08/2019.

Central², ignorando os centavos. Por conta dessa atualização, em vez de valores em reais nos gráficos que seguirão, a renda mensal dos respondentes foi expressa em 17 faixas a fim de permitir comparações. A tabela 1 apresenta as faixas para facilitar a compreensão:

Tabela 1 – Faixas de remuneração dos respondentes: anos de 2012 e 2018

Faixa salarial	Renda mensal (2012)	Renda mensal (2018)
Faixa 1	Até R\$ 500,00	Até R\$ 708,00
Faixa 2	De R\$ 501,00 a R\$ 900,00	De R\$ 709,00 a R\$ 1.274,00
Faixa 3	De R\$ 901,00 a R\$ 1.200,00	De R\$ 1.275,00 a R\$ 1.699,00
Faixa 4	De R\$ 1.201,00 a R\$ 1.500,00	De R\$ 1.700,00 a R\$ 2.124,00
Faixa 5	De R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00	De R\$ 2.125,00 a R\$ 2.832,00
Faixa 6	De R\$ 2.001,00 a R\$ 2.500,00	De R\$ 2.833,00 a R\$ 3.540,00
Faixa 7	De R\$ 2.501,00 a R\$ 3.000,00	De R\$ 3.541,00 a R\$ 4.248,00
Faixa 8	De R\$ 3.001,00 a R\$ 3.500,00	De R\$ 4.249,00 a R\$ 4.956,00
Faixa 9	De R\$ 3.501,00 a R\$ 4.000,00	De R\$ 4.957,00 a R\$ 5.664,00
Faixa 10	De R\$ 4.001,00 a R\$ 4.500,00	De R\$ 5.665,00 a R\$ 6.372,00
Faixa 11	De R\$ 4.501,00 a R\$ 5.000,00	De R\$ 6.373,00 a R\$ 7.080,00
Faixa 12	De R\$ 5.001,00 a R\$ 6.000,00	De R\$ 7.081,00 a R\$ 8.496,00
Faixa 13	De R\$ 6.001,00 a R\$ 7.000,00	De R\$ 8.497,00 a R\$ 9.912,00
Faixa 14	De R\$ 7.001,00 a R\$ 8.000,00	De R\$ 9.913,00 a R\$ 11.328,00
Faixa 15	De R\$ 8.001,00 a R\$ 9.000,00	De R\$ 11.329,00 a R\$ 12.744,00
Faixa 16	De R\$ 9.001,00 a R\$ 10.000,00	De R\$ 12.745,00 a R\$ 14.160,00
Faixa 17	Acima de R\$ 10.000,00	Acima de R\$ 14.161,00

Fonte: dados das pesquisas de *Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018*.

Os levantamentos e as comparações tiveram caráter exploratório, pois buscam ampliar conhecimentos e não necessariamente comprovar teorias ou pressupostos. Neste artigo, contudo, toma um formato mais descritivo, por se tratar de dados e comparações que poderão levar a novas conclusões, mas que necessitam ser visitados para que possam frutificar. Nesse sentido, apesar da quantidade de dados trabalhados, o enfoque da análise é primordialmente qualitativo.

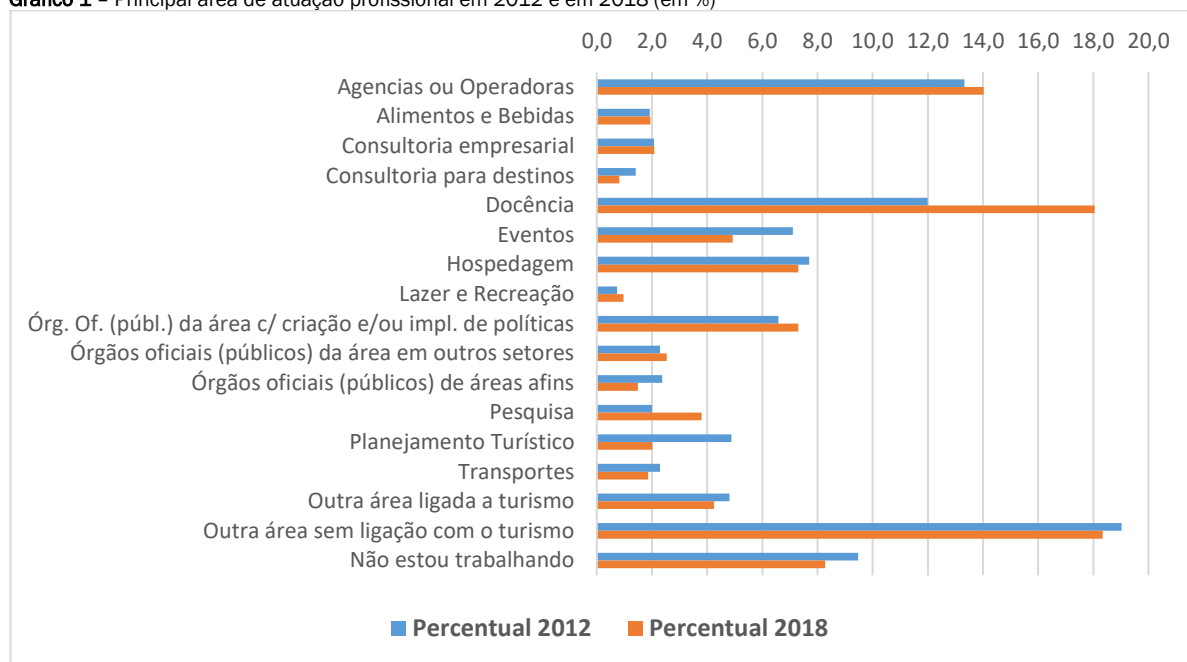
4 O QUE INDICAM OS DADOS?

Como o foco que se propõe neste artigo diz respeito à comparação dos dados de 2012 e 2018 em questões voltadas à *PRINCIPAL ÁREA DE ATUAÇÃO* à *REMUNERAÇÃO*, à *INSERÇÃO NOS SETORES PÚBLICO E PRIVADO* a gama de interpretações é bastante ampla, mas não menos complexa.

A primeira análise é relativa à área de atuação profissional principal, conforme apresentado no gráfico 1:

Ainda que haja destaque para o item 'Outra área sem ligação com o turismo' esta categoria teve queda de 2012 para 2018, o que indica que houve um crescimento no número de turismólogos que participam do mercado de trabalho em turismo. Outro dado relevante é que, removendo as categorias 'Outra área sem ligação com o turismo', 'não estou trabalhando' e 'órgãos oficiais públicos de áreas afins', para configurar uma atuação em áreas mais específicas do turismo, percebeu-se que o número de respondentes de 2012 foi de 69,13%, e esse valor subiu em 2018 para 71,89%, o que sinaliza positivamente para a manutenção e até um discreto crescimento de egressos atuando na área, o que difere de outras realidades em que grandes quantidades de egressos deixam de atuar na área (Paula et al., 2018).

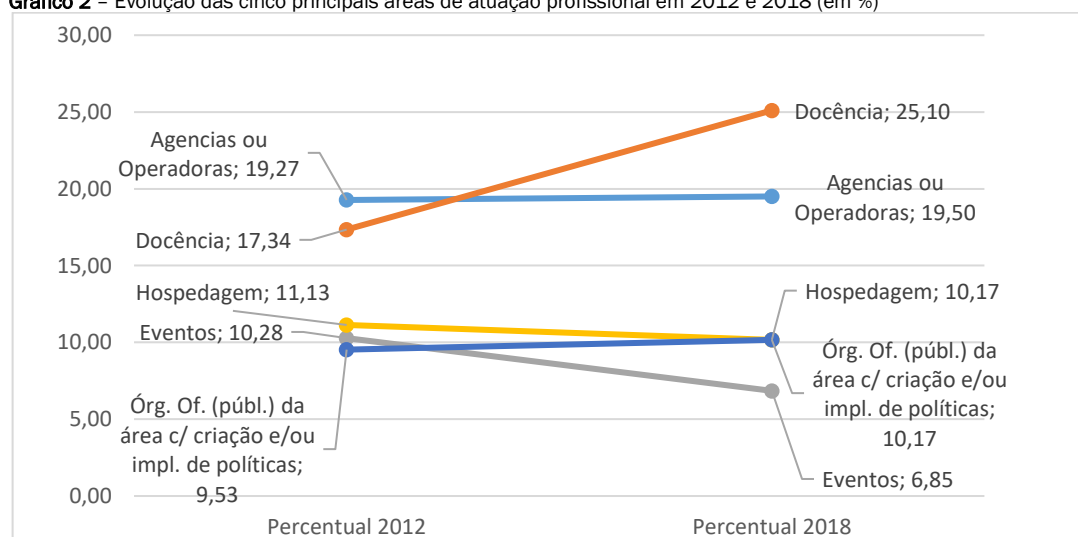
²Disponível em <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice>, acesso em 11/02/2018.

Gráfico 1 – Principal área de atuação profissional em 2012 e em 2018 (em %)

Fonte: dados das Pesquisas de Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018

Entretanto, áreas valorizadas nos cursos de graduação como ‘Planejamento Turístico’ e Consultoria/‘Gestão de Destinos’ tiveram queda como principal área de atuação de turismólogos. Esta última, cuja participação já era baixa em 2012, com 2,03% dos respondentes passou para 1,14%, e o ‘Planejamento Turístico’ (que chega nomear cursos e disciplinas) caiu de 7,1% para 2,8% na edição de 2018. Houve, é certo, um movimento de turismólogos da iniciativa privada para o setor público, como será abordado mais adiante. Porém, o incremento da categoria ‘Órgãos oficiais (públicos) da área com criação e/ou implementação de políticas’ de 9,53% para 10,17% parece não ser suficiente para caracterizar uma migração de planejadores e consultores para o setor público.

Ocorreram alterações no cenário das principais atividades entre as edições de 2012 e 2018. Percebeu-se também que mantiveram-se as cinco principais áreas de atuação do turismólogo, que em conjunto totalizavam 67,56% em 2012 e, 71,78% em 2018, conforme o gráfico 2.

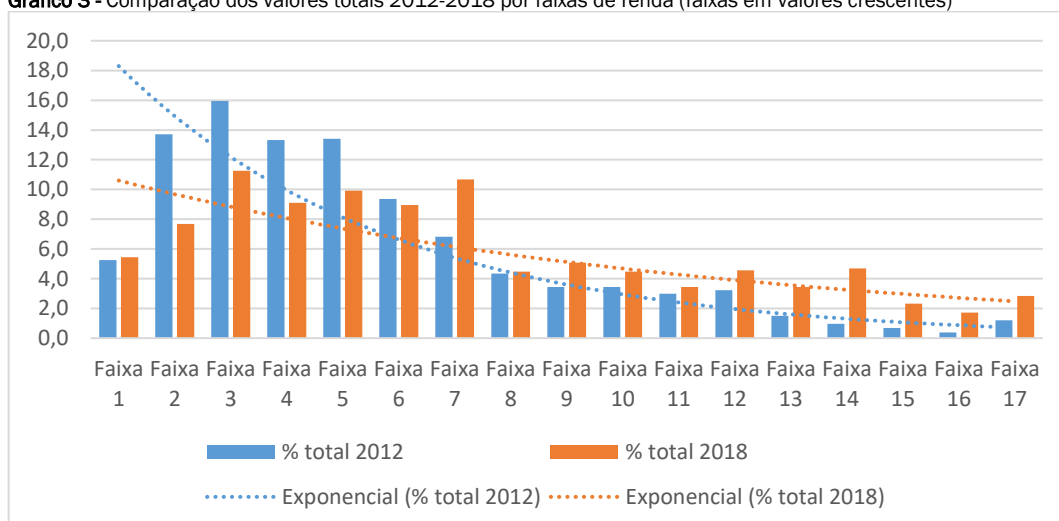
Gráfico 2 – Evolução das cinco principais áreas de atuação profissional em 2012 e 2018 (em %)

Fonte: dados das Pesquisas de Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018

As mudanças mais notórias no 'ranking' das principais ocupações foram a ascensão da 'docência' e dos 'órgãos oficiais públicos com criação e/ou implementação de políticas'. O percentual de respondentes docentes subiu de 17,34% para 25,10%, sendo a maior alteração desse grupo e dos dados como um todo, ultrapassando a área de 'Agências e Operadoras' que se configurava como a principal atividade de egressos em 2012 (19,27%). É importante salientar que, em função da origem acadêmica dos pesquisadores, é natural que a rede de contatos tenha grande frequência de colegas de profissão. Contudo, na pesquisa de 2012 tal realidade também se aplicava, já que os pesquisadores já eram professores universitários em atividade há muitos anos, o que justifica o enfoque dado nesse crescimento já que a comparação se dá entre públicos compatíveis, na primeira e na segunda edições da pesquisa. A categoria 'Agências e Operadoras', junto com 'Hospedagem' foram as que menos tiveram oscilação. A categoria que sofreu maior queda foi 'Eventos', que passou de 10,28% em 2012 para 6,85% na última edição. Este fato pode ser considerado a partir do entendimento de que há uma mudança na empregabilidade que tende a refletir na formação e no contexto das habilidades dos turismólogos sendo formados (Aranha & Rocha, 2014; Paula et al, 2017; Pimentel & Paula, 2014) e, como tal pode responder por sua movimentação no mercado de trabalho.

Com relação à *REMUNERAÇÃO*, os dados de 2018 mostram uma diminuição na quantidade de respondentes que se enquadravam nas faixas 1 a 6 de remuneração (até R\$ 3.540,00 em valores de 2018).

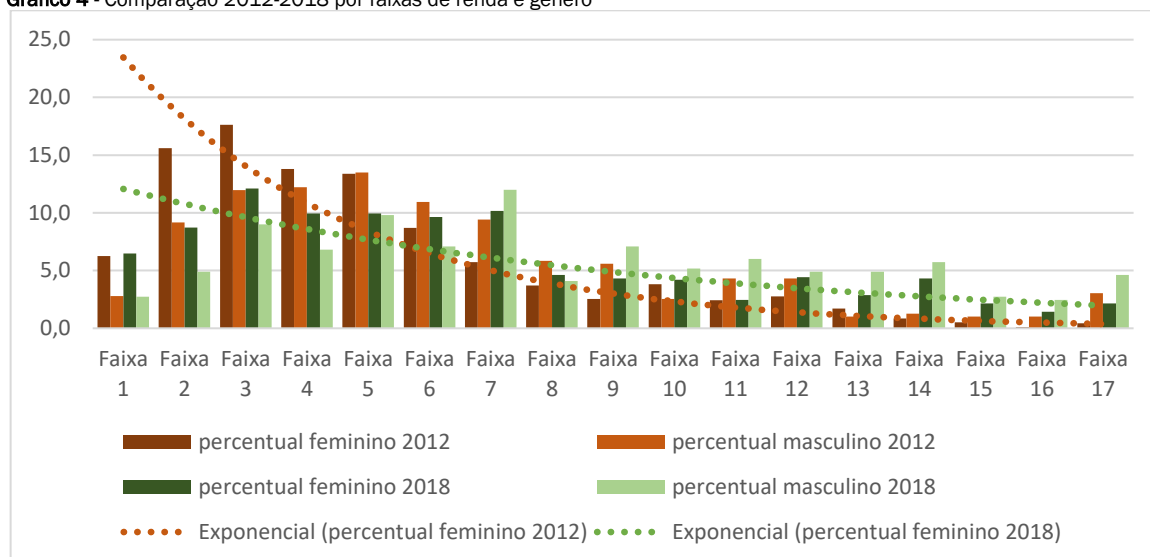
Gráfico 3 - Comparação dos valores totais 2012-2018 por faixas de renda (faixas em valores crescentes)



Fonte: dados das Pesquisas de Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018

No gráfico 3 também é possível notar aumento na faixa 7 (de R\$ 3.451,00 a R\$ 4.248,00), bem como, aumento discreto nas faixas 9 a 17, com destaque para a faixa 14 (de R\$ 9.913,00 a R\$ 11.328,00), o que é indicativo de uma inclinação para salários mais altos, no levantamento mais recente. As linhas de tendência mostram que, apesar da maior concentração de respondentes se manter entre as faixas 2 a 7 (de R\$ 709,00 a R\$ 4248,00 em valores corrigidos) as faixas de remuneração mais altas, de 8 a 17, tiveram incremento na edição de 2018.

No âmbito geral dos rendimentos mensais dos respondentes houve aproximação da média salarial feminina, quando comparada à masculina.

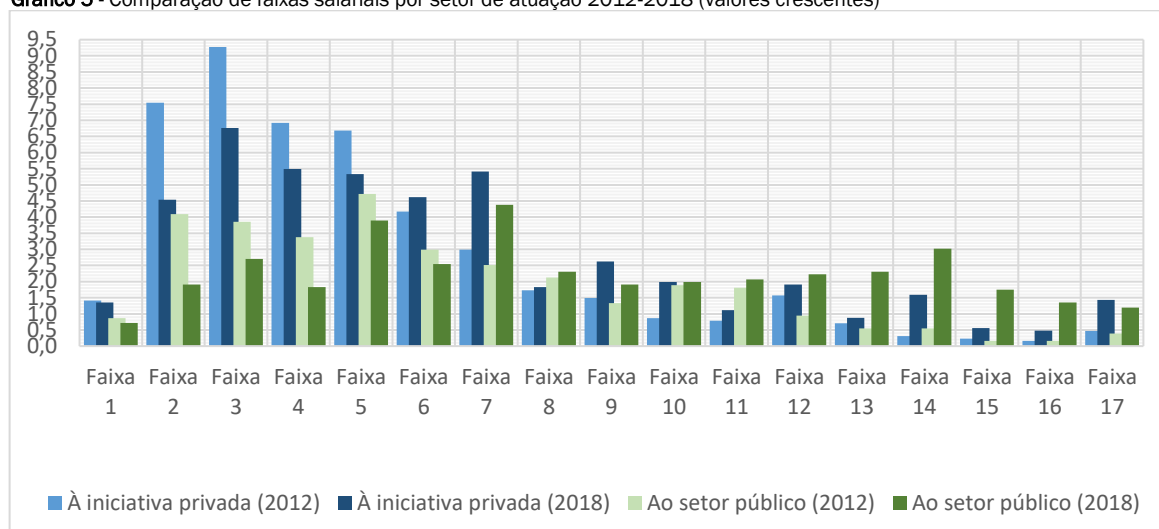
Gráfico 4 - Comparação 2012-2018 por faixas de renda e gênero

Fonte: dados das Pesquisas de *Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo* 2012 e 2018

Ainda que gênero não seja o cerne desta análise, em se tratando de Turismólogos não há como se omitir a comparação entre homens e mulheres, uma vez que esta área é quantitativamente ocupada por mulheres. Segundo dados do IBGE³ as mulheres são a maioria da população adulta no Brasil, o que condiz com a nossa realidade. Contudo, entre os egressos de cursos superiores de turismo a quantidade de mulheres ultrapassa os 70%, o que é bem superior à média nacional. Apesar da vantagem numérica, entretanto, as faixas salariais com predominância feminina são de 2 a 7. Ainda assim as linhas de tendência mostram uma aproximação da renda entre homens e mulheres. Ainda comparando os dados com a realidade brasileira, o *gap* salarial atual entre os egressos está 22% em favor dos homens, o que já está um pouco abaixo da média salarial geral nacional que é de quase 23% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018). Considerando o *gap* dos respondentes de 2012, que estava em 26%, a 'velocidade' de aproximação dos salários femininos e masculinos é de 0,67% ao ano, o que significa que em uma projeção simples para fins de comparação, a equiparação dos salários femininos com os masculinos, mesmo numa área predominantemente feminina, ocorreria daqui a aproximadamente 32 anos.

Em outra análise, buscou-se entender a *INSERÇÃO PROFISSIONAL* dos egressos nos *SETORES PÚBLICO E PRIVADO*. Quando cruzados os dados dos setores em que se enquadram as principais atividades profissionais dos respondentes e sua renda, percebe-se que a iniciativa privada segue predominando nas faixas salariais mais baixas.

³ Disponível <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>, acesso em 10 jun. 2019.

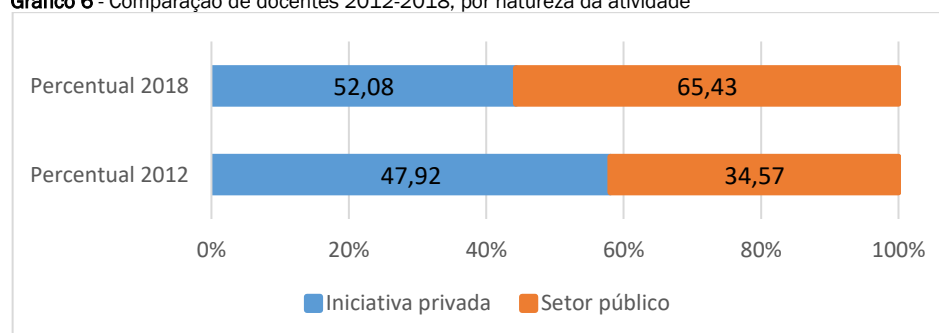
Gráfico 5 - Comparação de faixas salariais por setor de atuação 2012-2018 (valores crescentes)

Fonte: dados das Pesquisas de Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018

Em 2012, as faixas de 1 a 7 eram as mais representativas do setor privado, extrapolando 80%, com mais de 50% nas faixas 2, 3 e 4. Ainda que tenha havido queda nessa concentração na edição de 2018 quando comparada à 2012, a iniciativa privada manteve-se com maior intensidade nas faixas de menor remuneração. Em 2018 as faixas de 1 a 10 concentraram 83,4% da remuneração privada, com quase 58% nas faixas 3 até 7, explicitando o que Leal e Padilha (2005) consideram como um interesse maior no caráter técnico do que profissional.

Já o setor público apresentou crescimento de turismólogos nas faixas de remuneração mais altas, ainda que estas quantitativamente sejam menos numerosas. Em 2012 quase 89% da concentração de remuneração estava entre as faixas 2 e 11, sendo as faixas mais representativas as de 2 a 6, congregando 59% dos respondentes. Houve uma ampliação das quantidades de faixas mais representativas proporcionalmente no setor público em 2018. A distribuição de 87% da remuneração mencionada nesta pesquisa ficou entre as faixas 2 e 14. Além dessa participação, um aumento foi percebido entre as faixas 10 e 16 (de R\$ 5.665,00 a R\$ 14.160,00) que continuaram apresentando uma pequena participação em termos numéricos, mas passaram de 18,7% em 2012 para 38,6% em 2018.

Além dessas constatações percebeu-se uma queda considerável na participação do terceiro setor de 7,68% para 5,45% em 2018, assim como no setor misto, de 6,53% em 2012 para 5,81%. Numericamente a iniciativa privada segue como o maior mercado para os turismólogos (49,64% em 2012 e 47,09% em 2018). Ao contrário dos outros setores, ao setor público estavam vinculados 30,43% dos respondentes em 2012 e agora 32,69% em 2018, sendo a única categoria entre as pesquisadas que percebeu ascensão. O crescimento do setor público e da docência, geraram o interesse em verificar se há vínculo entre essas realidades.

Gráfico 6 - Comparação de docentes 2012-2018, por natureza da atividade

Fonte: dados das Pesquisas de Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo 2012 e 2018

No gráfico 6 é possível verificar que houve um movimento de crescimento no mercado de docência na iniciativa privada e uma expansão mais marcada no setor público. Em questões salariais, isolando a remuneração de docentes do setor público, foi possível perceber que a participação desses respondentes na faixa salarial 14 (de R\$ 9.913,00 a R\$ 11.328,00) foi de 86,84% entre os respondentes do setor público em geral. O mesmo ocorreu nas faixas 13, 15 e 16, em que a proporção de docentes entre os turismólogos do setor público foi maioria com 68,97%, 59,09% e 76,47%, respectivamente. A única faixa remuneratória, entre as mais altas, que não teve superioridade numérica de docentes do setor público foi a mais elevada: acima de R\$ 14.161,00.

O cenário político-governamental até o ano de 2018 foi propício ao crescimento de postos no setor público, bem como, de aumento de número de cursos e Instituições Públicas de Ensino Superior (Mancebo, Vale, & Martins, 1995), constatação que não possui indicativos de continuidade para os próximos anos. Há que se considerar, entretanto, que mesmo nesse cenário favorável houve queda no número de cursos superiores de turismo⁴, de forma mais acentuada nos bacharelados, mas também percebida nos tecnólogos, o que configura um contrassenso aparente na relação de crescimento de docência e redução de cursos. O desenvolvimento do mercado de trabalho de turismólogos demonstra sofrer influências políticas, para além de questões mercadológicas comumente tratadas, e desconsiderado nas questões das políticas mais amplas e voltadas ao desenvolvimento e à sustentabilidade (Baum, 2018). As decisões tomadas pelo setor acadêmico demonstram influenciar a formação dos futuros profissionais e sua aceitação no mercado de trabalho, mas sem necessariamente uma visão de futuro da profissão e seu papel na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise comparativa dos dados levantados, pode-se perceber que o mercado de trabalho para os turismólogos no Brasil apresentou melhora na remuneração, com inclinação para elevação das faixas superiores de remuneração e redução numérica das faixas salariais mais baixas, ainda que estas ainda contemplem a maior parte dos egressos. Além disso, grande parte dos turismólogos nas faixas de salários mais baixas estão vinculadas à iniciativa privada, mas neste caso também houve redução nessas faixas indicando uma migração para patamares mais elevados e para empregos públicos, já que o aumento da empregabilidade deste setor também foi um dos resultados das análises.

As diferenças salariais entre homens e mulheres persistem, mesmo em nossa área que é majoritariamente ocupada por mulheres, e mesmo no setor público, onde em tese existe isonomia de cargos, funções e salários.

Ainda que o levantamento realizado tenha se dado por meio de redes sociais e listas que possam favorecer a presença de respondentes do meio acadêmico, usando os mesmos meios e listas para distribuição, a principal área de ocupação na edição de 2018, em comparação com 2012, foi a docência. Essa área de atuação representou um em cada quatro turismólogos, com elevação da participação de respondentes ligados a instituições públicas de ensino superior, com remunerações médias mais altas do que no setor privado. O crescimento da área de docência se contrapõe à baixa participação de mercado dos egressos de cursos de turismo em áreas como a consultoria, a pesquisa e o planejamento turístico – esta última foco de muitos cursos superiores de turismo –, e da área de transportes, que tiveram reduções significativas.

Como apontamentos e limitações do estudo ressalta-se que os levantamentos realizados em ambas as situações atingiram todas as Unidades da Federação, com maior ou menor participação. As amostras, entretanto, não tiveram estratificação determinada e foram obtidas por exaustão, contando com as redes sociais e divulgação entre pares e coletivos formados por turismólogos. Além disso, pelo caráter amplo apresentado nesta análise, não foram esmiuçadas as funções em cada atividade.

Contudo, ainda que haja limitações dos dados, entende-se que os resultados não devam ser considerados conclusivos por suas características de coleta e predominância geográfica no eixo Sul e Sudeste, mas apresentam tendências e propiciam ilações e até conclusões acerca da evolução e da situação corrente da atividade profissional dos egressos dos cursos superiores do Turismo.

⁴Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>, acesso em 21/02/2019.

Espera-se que este estudo abra outras possibilidades de aprofundamento e discussão sobre o tema, seja considerando a relação da participação feminina no mercado de trabalho em turismo, o papel do emprego público na carreira do turismólogo, ou ainda, as perspectivas nas mudanças de políticas educacionais e de ensino superior em turismo. Conclui-se que o mercado de trabalho em turismo, apesar de diversificado, é mais concentrado em algumas das áreas do que se pensa e se ensina nos cursos de turismo. Isto foi percebido, pois há uma concentração de turismólogos em poucas áreas de atuação, especialmente 'agências e operadoras' e 'hospedagem' (com maior intensidade na primeira) que também qualifica, em grande parte, a baixa remuneração e a atuação no setor privado. O reflexo disso na empregabilidade de turismólogos, merece então um reconsiderar da formação superior em turismo, pois esse quadro aparenta uma discrepância de correspondência entre as áreas privilegiadas no ensino e a inserção do turismólogo no mercado de trabalho em turismo.

AGRADECIMENTOS

Os autores informam que este artigo é fruto parcial da pesquisa intitulada "*Formação superior em turismo e mercado de trabalho: proposta de acompanhamento de congruências e discrepâncias entre habilidades adquiridas na formação e as expectativas do Mercado*", aprovado pelo Edital Universal CNPq 01/2016, gerido pelos autores junto ao grupo de Pesquisa TEEM. Os autores expressam sua gratidão ao CNPq, aos demais membros do projeto e do grupo TEEM.

REFERÊNCIAS

- Ansarah, M. G. R. (2002). *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria*. Barueri: Aleph.
- Babbie, E. (1999). *Métodos de pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: UFMG.
- Barretto, M., Tamanini, E., & Silva, M. I. P. (2004). *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas: Papirus.
- Baum, T. (2018). Sustainable human resource management as a driver in tourism policy and planning: a serious sin of omission? *Journal of Sustainable Tourism*, 26(6), 873–889. <https://doi.org/10.1080/09669582.2017.1423318>
- Aranha, K. C., & Rocha, D. C. (2014). Reflexões acerca do ensino no curso superior de turismo: realidade, desafios e tendências. *Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR*, 4(2), 67–76. Retrieved from: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2018* [Synthesis of social index: an analysis of the living standards of the brazilian population 2018]. Retrieved from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>
- Leal, S., & Padilha, M. (2005). Brazil and Latin America. In D. Airey & J. Tribe (Eds.), *An international handbook of tourism education*. Oxford.
- Leal, S. R. (2010). *Qualidade da educação superior em turismo: a voz dos estudantes*. Retrieved from: https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/Qualidade%20da%20educacao%20superior%20em%20turismo%20a%20voz%20dos%20estudantes.pdf
- Mancebo, D., Vale, A. A. , & Martins, T. B. (1995). Políticas de expansão da educação superior no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 20(60), 31–50. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206003>
- Matias, M. (2002). *Turismo formação e profissionalização*. São Paulo: Manole.
- Matias, M. (2005). Panorama da formação profissional em turismo e suas relações com o mercado de trabalho no Brasil. In L. G. G. Trigo (Ed.). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. Porto Alegre: Roca.
- Medaglia, J., Silveira, C. E., & Gandara, J. M. G. (2012). Quatro décadas de ensino superior de turismo no brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. *Turismo - Visão e Ação*, 14(1), 006–018. <https://doi.org/10.14210/rtva.v14n1.p006-018>
- Ministério da Educação, Brasil. (2018). *Cadastro nacional de cursos e instituições de educação superior*. Retrieved from <http://emec.mec.gov.br>.

Paula, S. C., Carvalho, F. C. C. de, & Pimentel, T. D. (2018). (In) Definição de Competências Laborais em Turismo: implicações sobre o perfil profissional. *Revista Latino-Americana de Turismologia*, 3(2), 63–69. <https://doi.org/10.34019/2448-198X.2017.v3.10035>.

Pimentel, T. D., & Paula, S. C. (2014). Autodiagnose da formação superior e qualificação profissional em turismo: Pistas para uma (necessária) reorientação? *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(21/22), 275–285.

Santos, G. E. O., Costa, B. V., & Malerba, R. C. (2015). Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo: empregabilidade, perspectivas e percepções do egresso do IFSP. *Revista Turismo Em Análise*, 26(3), 719. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i3p719-742>

Silveira, C. E., & Medaglia, J. (2012). *Situação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo: dados gerais*.

Silveira, C. E., Medaglia, J., & Massukado-Nakatani, M. S. (2018). *Atuação profissional dos egressos de cursos superiores em turismo – 2018: resultados sintetizados dos dados gerais da Pesquisa*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.10652.54409/4>

Sogayar, R. L., & Rejowski, M. (2011). Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. *Turismo - Visão e Ação*, 13(3), 282–298. <https://doi.org/10.14210/rtva.v13n3.p282-298>

Informações dos autores

Carlos Eduardo Silveira

Graduado e especialista em Turismo e Hotelaria, mestre em Turismo em Países em Desenvolvimento e doutor em Gestão e Desenvolvimento Turístico Sustentável. Professor da UFPR, no Curso de Graduação em Turismo no Programa de Pós-graduação em Turismo. Tem experiência na área de Turismo, com pesquisas relacionadas à Educação Superior em Turismo e Planejamento Turístico, atuando principalmente na relação entre formação e mercado de trabalho em turismo. Vinculado aos Grupos de Pesquisa TEEM - Turismo, Educação, Emprego e Mercado, e, DemandaTur - Fatores Determinantes e Condicionantes da Demanda Turística.

Contribuições para o artigo: Concepção da pesquisa, Revisão da literatura, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão.

E-mail: caesilveira@ufpr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1414-1096>

Juliana Medaglia

Graduada em Turismo, com especializações em Marketing Empresarial e Gestão Social, mestre em Comunicação e Turismo e doutora em Ciência da Informação. Professora da UFPR, no Curso de Graduação em Turismo no Programa de Pós-graduação em Turismo. Pesquisa e atua nas áreas Turismo, com ênfase em Planejamento Estratégico de Marketing, Demanda Turística, Organização da Informação e Educação Superior em Turismo. Vinculada aos Grupos de Pesquisa TEEM - Turismo, Educação, Emprego e Mercado, DemandaTur - Fatores Determinantes e Condicionantes da Demanda Turística, e, Fundamentos teóricos, metodológicos e históricos da Organização da Informação.

Contribuições neste artigo: Concepção da pesquisa, Análise de dados, Discussão.

E-mail: juliana.medaglia@ufpr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4034-5113>

Marcia Shizue Massukado Nakatani

Graduada em Turismo, mestre e doutora em Administração. Professora da UFPR, no Curso de Graduação em Turismo no Programa de Pós-graduação em Turismo. Desenvolve estudos relacionados às metodologias de investigação e construção do conhecimento em turismo, à comunicação e informação turística, à promoção e comercialização de destinos e produtos turísticos e, à formação superior em turismo. Atua como revisora ad hoc de periódicos da área de Turismo, de eventos em Turismo e em Administração e de agências de fomento. Vinculada aos Grupos de Pesquisa TURITEC - Turismo, Tecnologia, Informação, Comunicação e Conhecimento e TEEM - Turismo, Educação, Emprego e Mercado.

Contribuições neste artigo: Revisão da literatura, Análise de dados, Discussão.

E-mail: marcia.nakatani@ufpr.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6307-6673>